



O TRIUNFO DAS APARÊNCIAS: PODER E MODA NO SEGUNDO IMPÉRIO FRANCÊS

Paulo Debom

Doutorando em História Política do PPGH-UERJ, docente da Universidade Candido Mendes e do SENAC-Rio.*

RESUMO: Esse artigo – parte de minha pesquisa de Doutorado em andamento – tem por objetivo refletir sobre o processo de construção da imagem pública de Napoleão III. Partindo da análise de sua trajetória, de seus discursos e da moda durante seu governo, esse texto analisa as estratégias do soberano para forjar seu poder.

Palavras-chave: Napoleão III, Poder Político, Moda

ABSTRACT: This article - part of my PhD research in progress - aims at reflecting about how the public image of Napoleon III was built. Based on the analysis of his career, his speeches and fashion during his administration, this paper analyzes the strategies used by this sovereign to forge his power.

Keywords: Napoleon III, Political Power, Fashion

ENTRE AS TRAMAS DA POLÍTICA E DA MODA

“A roupa diz respeito à pessoa inteira, a todo o corpo, a todas as relações do homem com seu corpo, assim como às relações do corpo com a sociedade”.¹

A Segunda República, instaurada na França após as revoluções de 1848, levou ao poder o Príncipe Luís Napoleão Bonaparte, sobrinho de Napoleão I, através de uma eleição onde obteve em torno de 70% dos votos. Sua esmagadora vitória foi na época motivo de grande surpresa, pois o favorito era o então governante provisório, general Louis-Eugène Cavaignac. Esta expressiva votação foi o resultado não somente do apoio dos bonapartistas², como também de monarquistas que muito temiam os ideais socialistas defendidos por um grande número de trabalhadores urbanos e dos

* Historiador, mestre em Ciências Sociais, colunista da revista Conceito A-Contemporânea. Contato: paulodebom@gmail.com

¹BARTHES, Roland. **Sistema da Moda**. SP: Ed. Martins Fontes, 2008. P.117

² Corrente política que tinha por objetivo colocar no trono francês um membro da família de Napoleão Bonaparte (Napoleão I). Defendia um Estado autoritário liderado por um Imperador que governaria de forma despótica defendendo os interesses das elites agrárias e industriais, porém com forte apoio das camadas populares.



camponeses em cuja memória Napoleão I representava o mito do grande salvador do povo francês.³ Seu programa de governo pregava o combate a pauperização e a redução dos impostos, o que fazia dele um raio de esperança em meio aos dias de turbulência de 1848. Não podemos esquecer-nos do apoio majoritário dos católicos, pois não mostrava-se um grande defensor da Ordem e da Família, como também prometia não medir esforços em ajudar o Papa Pio IX a recuperar os Estados da Igreja. Além disso, o fato de ser um Bonaparte criava na população a esperança de um retorno a um glorioso passado:

*Com o passar do tempo [...] as imagens das vitórias militares de Napoleão I e de um poderoso e disciplinado Império Francês presidindo os destinos de toda a Europa continental, tornaram-se poderosas e persuasivas. A legenda napoleônica manteve-se viva de muitas maneiras: das lembranças daqueles que tinham servido o Império; através das numerosas publicações, gravuras, canções [...] com a conclusão do Arco do Triunfo e da inumação definitiva dos restos mortais de Napoleão nos Inválidos; [...] a inauguração de estátuas do antigo Imperador e seus marechais e a celebração de aniversários napoleônicos.*⁴

A curta duração deste período (1848-1852), foi marcada por constantes disputas políticas entre as diferentes facções que faziam parte do governo. Apesar de Luís Napoleão Bonaparte não se opor às medidas conservadoras tomadas pela Assembleia, como por exemplo, a redução do Sufrágio e o aumento dos impostos sobre a circulação de jornais que atingiram duramente os periódicos que representavam os trabalhadores, a atmosfera tornou-se cada vez mais tensa, porque o presidente deixava bem claro o seu desejo de continuar no governo. Como a Constituição proibia a reeleição, Luís Napoleão apresentou um projeto à Assembleia solicitando reformas na legislação eleitoral. Diante da recusa em aprovar as mudanças sugeridas, deu um golpe de Estado, dissolvendo-a e prolongando seu mandato por dez anos. A partir deste momento, trabalhou intensamente para preparar o terreno para aquilo que considerava seu destino: tornar-se Imperador.

O então príncipe-presidente optou por viajar pelas regiões do interior da França onde não era bem aceito; locais que antes foram palco de inúmeras rebeliões contra seu governo. As visitas tinham cunho propagandista: eram preparadas para gerar na

³ GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas**. SP: Companhia das Letras, 1987. P.16.

⁴ FORTESCUE, William. **Revolução e Contra-revolução na França: 1815-1852**. SP: Ed. Martins Fontes, 1992. .p.131.



população um forte impacto. Cercado de grande precaução policial, Napoleão não somente discursava, como também visitava a população carente em suas residências e locais de trabalho. Por onde passava, as tropas gritavam “Viva o Imperador”. Em Marselha:

[...] foi recebido com pompa, salvas de artilharia, repicar de sinos [...] e por multidões jubilosas e sedentas de espetáculo, festas e cerimônias. Os emblemas imperiais nos arcos de triunfo e as alusões ao Império nos discursos não deixavam dúvidas quanto ao futuro político.⁵

Em Bordéus, chegou majestosamente em um barco sendo aplaudido pela população às margens do rio. Lá, proferiu o famoso discurso que indicou o que estava por vir:

O bem do país não tem necessidade da aplicação de novos sistemas; precisa, antes de tudo, de confiança no presente, segurança no futuro. Para tanto, a França parece querer voltar ao Império. [...] Por desconfiança alguns pensam: “Império quer dizer guerra”. Quanto a mim, digo: Império quer dizer paz. Paz, como a França deseja; e quando a França está satisfeita, o mundo fica tranquilo [...].⁶

Poucos meses depois, promoveu um plebiscito que encerrou definitivamente a Segunda República e instituiu o Segundo Império, fazendo-se coroar como Napoleão III. Apesar de seu governo ter forte apoio da burguesia, constituiu-se na prática em uma confluência de interesses de grupos diversos e com idéias contraditórias, como nobres, militares, banqueiros, fazendeiros, industriais etc.

Em 1852, Paris tornou-se novamente a capital de um Império, palco de inúmeros eventos internacionais. Napoleão III, através do Barão Haussmann, implementou uma série de reformas com o objetivo de transformá-la numa cidade-modelo para a Europa. Para que isso ocorresse, o Barão ordenou a destruição de dezenas de ruas, prédios residenciais e comerciais, expulsando para a periferia um grande número de trabalhadores. Este remodelou as vias da cidade com grandes avenidas que além de permitirem a rápida circulação, impedia a construção de barricadas, o que dificultava a ocorrência de revoltas populares. Paris tornava-se então, uma das melhores representantes dos ideais de modernidade daquele momento: os grandes bulevares passaram a receber diariamente milhares de pessoas e carruagens, celebrando a lógica

⁵.AGULHON, Maurice. **1848: O Aprendizado da República**. SP: Editora paz e Terra, 1991. P. 216.

⁶ Idem, p.217.



do movimento e rapidez. Nas ruas finas e sofisticadas da cidade, assim como nos salões aristocráticos, as mulheres ostentavam seus belos vestidos, sapatos, bolsas e jóias.

Napoleão I já havia demonstrado em seu governo grande interesse em recolocar Paris como a capital da moda⁷. Essa ideia ficou explícita ao determinar que as mulheres da corte jamais deveriam repetir seus vestidos em diferentes festas e cerimônias. Entretanto, este resgate somente aconteceu de fato durante o governo de seu descendente, Luís Bonaparte. Desde a queda de Luís XVI, não houve uma corte tão luxuosa em território francês: o séquito de Napoleão III muito se assemelhava ao da nobreza de Versalhes. A busca por tecidos caros, vestidos volumosos, jóias exuberantes tornaram-se quase uma obsessão. A Imperatriz Eugênia era grande admiradora da Rainha Maria Antonieta e de seus delírios consumistas. A imagem do casal imperial foi construída através do luxo, festas, normas de etiqueta⁸ e inúmeros títulos de nobreza.

Em meio a uma Europa que se industrializava, concretizava-se um governo que reafirmava os valores da Antiga Sociedade de Corte.⁹ Dentro deste contexto, surgiu em Paris o primeiro estilista da história: o inglês Charles Frederick Worth. Com ele nasceu a Alta Costura.

Anteriormente, na Grande Exibição de 1851, em Londres, algumas mulheres vestiram roupas por ele criadas. Porém, desde a instauração do Segundo Império, Paris havia se tornado novamente o foco da moda mundial. Foi lá, na Exposição Universal de 1855, que Worth conseguiu cair nas graças da aristocracia francesa, quando um de seus vestidos criados para uma dama da corte de Eugênia foi premiado. Um pouco mais tarde confeccionou um traje para a Princesa Metternich, esposa do embaixador da Áustria em Paris. A aristocrata o usou em um baile e naquela noite, a Imperatriz, que já havia

⁷ Tradição iniciada por Luís XIV no século XVII. O Rei-Sol mandava suas costureiras fazerem bonecas de porcelana vestidas com réplicas das roupas usadas na corte e depois distribuí-las em diversas partes da Europa. O objetivo era bem claro: fazer com que todos seguissem a Moda de Versalhes. Esta prática entrou em declínio em 1789 com a Revolução Francesa. Napoleão I tentou resgatá-la, mas quem conseguiu de fato foi Luís Napoleão e sua esposa Eugênia. Desde então, Paris permanece como capital da Moda.

⁸ A etiqueta foi uma das formas da dominação real. Ela dava um valor a cada atitude nas cerimônias, identificando o prestígio de cada um perante a sociedade. Logo, era fundamental como elemento de distinção social. Norbert Elias. **A Sociedade de Corte**. RJ: Jorge Zahar Editor. 2001. p.132-133.

⁹ A corte europeia foi criada pela transformação dos guerreiros medievais em cortesões que por enfrentarem uma série de dificuldades, tiveram que se aliar aos reis para poderem sobreviver: “vemos como, passo a passo, a nobreza belicosa é substituída por uma nobreza domada, com emoções abrandadas, uma nobreza de corte”. Depender do rei não era algo depreciativo, mas sim uma forma de se obter prestígio em relação ao restante da sociedade. Norbert Elias. **O Processo Civilizador**, Volume 2. RJ: Jorge Zahar Editor. 2008. p.215-225.



reparado em suas criações anteriormente, encantou-se com a roupa e tornou-se cliente e divulgadora de Worth. Junto com o empresário Otto Bobergh, o estilista inaugurou, em 1858, a *Maison d' Haute Couture "Worth & Bobergh"*.

Uma das primeiras propagandas colocadas na imprensa da época anunciava: "Vestidos e mantos confeccionados, sedas e altas novidades"¹⁰. Reside neste ponto uma originalidade de Worth: apresentar constantemente modelos inéditos, preparados com antecedência, apresentados em desfiles luxuosos a clientes da aristocracia e confeccionados após a exibição em suas medidas exatas. Havia também, a garantia que a mesma peça só seria executada novamente uma única vez para outra mulher que residisse num país diferente, evitando assim o constrangimento de se encontrarem vestidas da mesma forma em algum evento. Estes desfiles eram realizados na própria *Maison Worth* para uma platéia bem pequena de compradoras. As modelos eram designadas "sósias" por terem um tipo físico semelhante ao das clientes.

*[...] Inicialmente nada de coleções com data fixa, mas modelos criados ao longo do ano, variando apenas em função das estações; também nada de desfiles de Moda organizados, que aparecerão nos anos 1908 e 1910 para se tornar verdadeiros espetáculos [...].*¹¹

Em 1868, com o objetivo de impedir que seus modelos fossem copiados, Worth fundou um órgão chamado *La Chambre Syndicale de la Confection et de la Couture pour Dames et Fillettes*. Durante o século XX, este nome foi trocado para *Le Chambre Syndicale De La Haute Couture*. Foi nela que se estabeleceu a diferença entre a *couture*, que trabalha com a produção de modelos sob medida para clientes específicas, e a *confection* que fabrica roupas em série e baratas para um público amplo, imitando os modelos da Alta Costura. Para que uma marca seja considerada Alta Costura, há uma série de requisitos a serem cumpridos:

A denominação Alta Costura (ou Haute Couture, no original) é juridicamente protegida e dela só se podem utilizar as empresas que figuram numa lista estabelecida consciente, por uma comissão de ministros, sediada no Ministério da Indústria francês. 'A Alta Costura é uma patente, um património cultural parisiense, e só podem se intitular assim as Maisons que respeitam uma série de normas, entre elas, possuir sede numa região específica de Paris', complementa João Braga, professor de História da Moda. O rol de Maisons (hoje por volta 10) é divulgado pela Federação Francesa da Costura, dos Costureiros e dos Criadores de Moda, a antiga

¹⁰ LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero**. SP: Companhia das Letras, 2002, P.72.

¹¹ Idem, p.72.



*Câmara Sindical da Alta Costura, criada em 1868. Os principais critérios estabelecidos para que uma marca possa adquirir o título de Haute Couture, segundo o site oficial da Federação, são: estar registrado no órgão, empregar no mínimo 15 pessoas nos ateliers, **elaborar peças exclusivas e feitas à mão**, apresentar para a imprensa (em Paris) a cada estação uma coleção de pelo menos 35 trajes compostos de modelos para o dia e para a noite.¹²*

Por que Worth é considerado o pai da Alta Costura e o primeiro estilista da história? Não deveria ocupar tal cargo a costureira de Maria Antonieta, Madame Rose Bertin?

Segundo o historiador Carl Köhler¹³, ela foi a primeira costureira famosa da história da França, chegando a ser chamada de “Ministra da Moda”. Suas criações, para a rainha francesa, eram exportadas para toda a Europa através de pequenas bonecas de porcelana que vestiam réplicas dos trajes usados em Versalhes. O sucesso foi tão intenso que ela exercia grande influência no modo de vestir de mulheres em várias cortes da Europa. Esta posição é compartilhada por Albert Racinet, historiador do vestuário, que aponta a “Ministra da Moda” como a primeira estilista da história¹⁴.

Para Gilles Lipovetsky¹⁵, Madame Bertin pode ser considerada uma precursora da Alta Costura, mas não uma estilista. Ela executava peças exclusivamente para Maria Antonieta e era a rainha que determinava o que deveria ser feito. Portanto, a margem de criação da costureira era muito limitada e, além disso, ela só venderia suas peças originais para as mulheres da corte que a rainha permitisse. Com a queda do Antigo Regime, Madame Bertin encontrou o fim de sua carreira.

O teórico da literatura Hans Ulrich Gumbrecht partilha desta ideia:

[...] é necessário corrigir a convenção da História da Moda que elevou Rose Bertin à categoria de primeira estilista de Moda no mundo. [...] Mas, ela atendia os desejos de uma cliente, não produzia para um mercado, e, apesar de sua criatividade, ainda não operava num ritmo formal de mudanças. A Moda tal qual a conhecemos hoje só teve início em meados dos anos 1850, com o imigrante britânico Charles Frederick Worth, o primeiro criador de uma identidade de marca (cada peça vendida por Worth ostentava seu nome e de sua empresa).¹⁶

¹² PELICANO, Isilda. Alta Costura : Selling a Dream. **Revista Vestir**, Lisboa: Publicações do Centro de Formação Profissional da Indústria do Vestuário e Confecção, 2008 2º semestre de 2008, Grifo meu.

¹³ KHÖLER, Carl. **A History of Costume**. Ny: Dover Publications, 1963.p. 364.

¹⁴ RACINET, Albert. **The Historical Encyclopedia of Costumes**. NY: Facts on File, 1995. P.240.

¹⁵ LIPOVETSKY, Gilles. op.cit. p.83.

¹⁶ GUMBRECHT, Hans Ulrich. Pensando a Moda. **Folha de São Paulo Mais!**, SP, p.6-9. 05 de maio de 2002.



Durante o governo de Napoleão I, o costureiro Leroy tornou-se uma personagem conhecidíssima na França. Os trajes de Napoleão e Josefina usados na Coroação, imortalizada por Jacques-Louis David em sua famosa tela que hoje encontra-se no Louvre, foram feitos por ele, bem como os de vários outros membros da corte. Porquanto, o fim da Era Napoleônica significou também o seu desaparecimento definitivo das altas rodas da época. Assim como Rose Bertin, Leroy não tinha liberdade de criação, pois eram seus poucos e famosos clientes que diziam o que desejavam vestir.

Após a queda de Napoleão III (1870), Worth fechou suas portas temporariamente, embora as reabrisse no ano seguinte, reavendo diversas clientes e expandindo suas vendas com força inigualável para a época. Sua clientela incluía não somente mulheres europeias, mas também brasileiras e, principalmente, norte-americanas. Ele havia se transformado em uma febre entre as esposas dos grandes fazendeiros e empresários dos Estados Unidos.

Outra importante diferença entre Worth e seus antecessores era a liberdade de criação. Suas clientes, fossem da nobreza ou da burguesia, vestiam o que ele determinava. Sua clientela era formada por mulheres que ele escolhia. Os antigos costureiros visitavam suas clientes em suas casas. Já Worth, obrigava suas compradoras a irem visitá-lo em seu ateliê, incluindo grandes aristocratas, como por exemplo, Elizabeth da Áustria, mais conhecida como Sissi. A única exceção aberta era para Eugênia e algumas nobres muito próximas à Imperatriz.

O historiador inglês James Laver, em seu livro “A Roupas e a Moda”, traz algumas interessantes descrições do cotidiano da Maison Worth:

Esta criatura pequena, seca, nervosa e vestida de negro olha para elas usando um casaco de veludo, recostada de forma descuidada em um divã, com um charuto entre os lábios. Ele lhes diz: “Ande! Vire! Muito bem! Volte dentro de uma semana e terei pensado em uma toalete para você”.

Não são elas que escolhem, é ele. Elas já se dão por satisfeitas deixando-o escolher e, até para isso, precisam de uma apresentação formal. Mme. B, uma personalidade muito conhecida e elegante, foi vê-lo no mês passado para encomendar um vestido.

“- Madame, disse ele, quem a apresentou?”

- Não compreendo.

- A senhora deve ser apresentada por alguém se quer que eu a vista”.

Ela foi embora sufocada pela cólera. Mas as que presenciaram a cena, ficaram e disseram:



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

- “Não me importo que ele seja mal-educado, desde que me vista”¹⁷.

Foram enumeradas até aqui, diversas inovações trazidas para a história do vestuário por Worth: a criação da Alta Costura deu um novo sentido ao trabalho do costureiro, transformando-o num estilista; regulou as criações da moda para um mercado que necessitava de lançamentos novos a cada semestre; inaugurou a ideia de tendências de moda ditadas pelos criadores em seus ateliês. Enfim, criou um sistema que reinou invicto por 100 anos e que só foi desestabilizado com o *boom* do *Prêt-à-porter* nos final dos anos de 1950 do século XX.

No entanto, vale ressaltar que em meio a uma Europa que se industrializava a passos largos, ele criou algo que de certa forma foi na contramão das transformações tecnológicas implementadas pela sociedade burguesa. No momento em que a produção tornava-se cada vez mais mecanizada e massificada, a Alta Costura criada em pleno Segundo Império, mostrou-se um resgate do artesanal: os luxuosos vestidos deveriam ser peças exclusivas, feitas principalmente à mão e com a garantia de que existiria no máximo outra cópia vendida para uma mulher de outro país.

Napoleão III é apontado por muitos como um governante que deu voz às aspirações da burguesia que se fortalecia progressivamente, mas o cotidiano de sua corte muito se assemelhava ao da nobreza do Antigo Regime: festas, bailes, grandes eventos, roupas luxuosas, fofocas, intrigas, palácios, intensa preocupação com as normas de etiqueta e muitos títulos de nobreza. A opção por casar-se com a Condessa espanhola Eugênia de Montijo, assim como a de ter amantes que ostentassem títulos de nobreza, como a italiana, Condessa de Castiglione, a Condessa Louise de Mercy-Argeuteau e a Princesa Mathilde Bonaparte, indicavam suas intenções de resgatar a pompa da Antiga Sociedade de Corte de Versalhes. O desejo de ostentar poder através da construção de uma imagem calcada na nobreza, etiqueta, riqueza e luxo, tornaram-se uma constante durante todo seu reinado.

Em 1859, o Imperador solicitou ao Ministro das Finanças Achille Fould, então membro da Academia de Belas Artes, que preparasse uma nova decoração para o palácio de Tulherias. Verdadeiro apaixonado por arte e decoração, Monsieur Fould observou os hábitos da corte Imperial e seu explícito gosto por elementos do passado

¹⁷ LAVER, James. **A Roupas e a Moda**, SP: Companhia das Letras, 1996. p.186-188.



artístico francês. Os estilos escolhidos foram Luís XI e Luís XVI. Depois de minucioso estudo, os cômodos foram decorados e inaugurados em 1861.¹⁸

O Castelo de Compiègne, um dos locais prediletos de Luís XV, Luís XVI e Maria Antonieta para descanso e divertimento, foi reaberto e restaurado por determinação de Napoleão III e Eugênia. Lá, o casal passava várias semanas do ano recebendo amigos, promovendo grandes banquetes e bailes pomposos. Este ambiente era descrito como um local onde a postura e a etiqueta eram tão valorizadas como em Tulherias e Versalhes no século XVIII.

Cabe aqui indagar: Napoleão III e Eugênia seriam expoentes dos anseios da burguesia ou remanescentes das últimas vozes do Antigo Regime?

Em 1844, ainda no exílio, Luís Napoleão escreveu um panfleto que viria a ser publicado posteriormente com o título “A Extinção do Pauperismo”. Nele, mostrou-se extremamente preocupado com a felicidade das massas. Afirmava que o progresso social se daria somente mediante a expansão do comércio e da industrialização. Enfatiza também, que a harmonia aconteceria a partir da repartição justa da riqueza.

Segundo os historiadores Pierre Milza e Serge Berstein, Napoleão III, para atingir seus objetivos, foi influenciado por Saint-Simon e contou com o liberalismo econômico, isto é, com a concorrência e as leis de mercado como base para sua plataforma política.¹⁹

A economia francesa está pouco modernizada no começo do Segundo Império. [...] Napoleão III vai alterar esta situação. Está decidido a intervir nestes domínios para modernizar a economia [...]. Para ele, o Estado deve estimular a vida econômica. Do seu exílio na Inglaterra, onde visitou centros industriais e constatou os efeitos do progresso técnico, vem-lhe a convicção de que a melhoria das condições das massas depende do desenvolvimento econômico.²⁰

Ao instaurar o Império, o soberano estimulou abertamente o desenvolvimento industrial e comercial francês. Desta forma, garantia o apoio de uma burguesia extremamente satisfeita com as boas condições materiais que lhes são oferecidas pelo

¹⁸ “Le choix s’est porté ici sur le style Louis XIV e Louis XV, traité avec um luxe exceptionnel dans certaines pièces, notamment dans le grand salon où abondent les lambris, dorures, sculptures, plafonds peints, objets décoratifs, lustres et tapis.” **Le Guide du Louvre**. Paris: Musée du Louvre Éditions 2005, p. 446.

¹⁹ MILZA, Pierre & BERSTEIN, Serge. **História do Século XIX**. Portugal: Publicações Europa-América, 1997.p.307

²⁰ Idem. P.314.



novo regime. Aos poucos, os burgueses passam a ocupar parte dos mais importantes cargos governamentais, como por exemplo, os homens de negócios, Morny e Fould (seu principal ministro da economia e decorador de seus apartamentos), o economista saint-simoniano Michel Chevalier e o industrial Talabot. Viver na França desta época era estar num dos centros do capitalismo mundial.

Para Eric Hobsbawm, esta foi uma época de grande fertilidade para experimentações de mobilização de capital para o desenvolvimento industrial:

Os irmãos Isaac e Émile Pereire iriam tornarem-se conhecidos, sobretudo como financistas aventureiros que se fizeram no Império de Napoleão III. [...] Durante o Segundo Império os Pereire iriam construir linhas de estradas de ferro por todo o continente [...]. Outro saintsimoniano, P. F. Talabot, construiu entre outras coisas as linhas do sudeste francês, as docas de Marselha e as linhas húngaras, além de comprar as balsas ultrapassadas pela ruína do comércio fluvial no Ródano, esperando usá-las numa frota comercial ao longo do Danúbio em direção ao Mar Negro. Tais homens pensavam em termos de continentes e oceanos. Para eles, o mundo era uma única coisa, interligado por trilhos de ferro e máquinas a vapor, pois seus horizontes comerciais eram como seus sonhos sobre o mundo. Para tais homens, destino, história e lucro eram uma e a mesma coisa.²¹

A indústria têxtil junto com a dos corantes passou por um grande desenvolvimento. A produção de roupas em massa para o comércio encontrava na burguesia urbana em ascensão, o público consumidor perfeito. Naquela época, surgiram os grandes magazines, como o *Bon Marché*, a *Samaritaine*, o *Printemps* e a *La Belle Jardinière*. Nelas as exposições eram permanentes e eram oferecidas aos clientes vantagens inéditas: entrega em domicílio, reposição do estoque e troca de artigos. Nestes espaços comerciais o consumidor encontrava em grande quantidade os produtos de “confeção”, ou seja, roupas em série vendidas por um preço mais baixo para as classes médias. Enfatiza-se que as camadas populares, devido aos seus limites financeiros, não freqüentavam e muito menos compravam mercadorias nestes espaços.

Com efeito, o Segundo Império é a época áurea da burguesia. Constituem-se grandes dinastias bancárias [...]. Paris torna-se a “cidade-luz” e atrai provincianos e estrangeiros, a cidade da moda, das distrações, mas também da simplicidade e da leviandade, simbolizadas nas operetas de Offenbach e nos espetáculos de variedades de Labiche. Pelas festas suntuosas que organiza, o Imperador dá o tom à sociedade parisiense.²²

²¹HOBSBAWM, Eric. **A Era do Capital**. SP: Editora Paz e Terra.1988. P. 76

²²MILZA, Pierre & BERSTEIN.op.cit., p.320-21.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

O historiador Peter Gay²³ também destaca a presença marcante de setores da burguesia, não somente no governo francês, mas ainda em diversos outros países da Europa no século XIX. Este ressalta o papel manipulador de diversos setores da classe média francesa (comerciantes, industriais e banqueiros) no governo de Napoleão III.

Segundo ele, as classes médias tiveram um grande aumento em seu poder na França, em especial após a revolução de 1830. Cita Alexis de Tocqueville:

Em 1830, o triunfo da classe média foi definitivo e tão completo que todo o poder político, todos os privilégios, [...] o governo como um todo, se viram encerrados [...] nos limites estreitos dessa única classe. [...] Assim ela se encontrava à vontade em todas as repartições, aumentou em número e se acostumou a viver do erário público tanto quanto do seu próprio esforço.²⁴

Entretanto, Gay aponta que esta crescente tomada de espaço tinha seus limites, afinal a antiga aristocracia europeia não havia deixado de existir e controlava boa parte das riquezas no continente. As diversas revoluções do século XIX demonstraram o empenho da burguesia em usar as camadas populares como meios para desestruturar os tradicionais regimes vigentes.

Destaca também a ascensão de artistas, escritores e intelectuais oriundos da burguesia, que conseguiram posições de grande prestígio em meio à tradicional aristocracia. Muitos passaram a frequentar as festas mais finas, reuniões importantes e as apresentações de ópera. Alguns receberam medalhas e conseguiram casar-se com membros da nobreza. Outros receberam títulos de nobreza sem passarem pelo ritual do matrimônio. Ou seja, havia um interesse declarado por parte das camadas médias em pertencer à sociedade tradicional, pois afinal esta ainda tinha grande poder e influência sobre o destino da Europa. O caminho das classes médias para controlar a sociedade não foi algo tão rápido como poderia se pensar: “[...] já por volta de 1900, o controle do poder político pelas classes médias era muito mais firme do que fora apenas um século antes, embora estivesse muito longe de ser completo”²⁵.

Da mesma maneira, Maurice Agulhon salienta o papel primordial da burguesia na política francesa ao longo do século XIX, em especial entre 1848 e 1852. Todavia, identifica alguns limites às transformações burguesas da época. Afirma que, apesar da

²³ GAY, Peter. **O Século de Schnitzler: A Formação da Cultura da Classe Média 1815-1914**. SP: Companhia das Letras, 2002. passim

²⁴ TOCQUEVILLE, Aléxis de apud GAY, Peter. op.cit, p. 36

²⁵ GAY, Peter. op.cit, p.35



Revolução de 1848 ter abolido as ainda existentes relações de feudalidade, nada estruturado foi colocado em seu lugar; os conflitos entre senhores e camponeses tornaram-se cada vez mais acirrados, pois a maioria das terras continuava nas mãos da antiga aristocracia. Nas cidades, os limites da nova sociedade eram da mesma forma latentes: “[...] o capitalismo incipiente ainda não criara uma rede de crédito satisfatória para a indústria e o comércio urbanos. [...] As pessoas tomavam empréstimos com os vizinhos ricos e com os negociantes que compravam as safras [...]”²⁶

As reflexões supracitadas nos remetem aos estudos de Arno Mayer, nos quais o autor defende que várias características das antigas cortes europeias sobreviveram às revoluções de 1789 e 1848. O autor critica com veemência os historiadores que enfatizaram somente os avanços do capitalismo, da industrialização e da burguesia, em detrimento das:

*[...] forças de inércia e resistência que retardaram o declínio da antiga ordem. [...] Houve assim, uma tendência marcante a negligenciar, subestimar e desvalorizar a resistência de velhas forças e ideias e o seu astucioso talento para assimilar, retardar, neutralizar e subjugar a modernização capitalista, incluindo até mesmo a industrialização.*²⁷

Mayer reconhece a crescente presença das forças modernas, porém defende que o Antigo Regime ainda se fazia presente e muito forte até as vésperas da Primeira Guerra Mundial. Um dos exemplos que usa para corroborar sua tese é o fato de que durante todo o século XIX, os mais altos cargos governamentais e militares eram ocupados por homens cujo berço era nobre.

A antiga aristocracia, apesar de absorver diversas práticas do capitalismo e incorporar em seu seio diversos elementos das classes médias, jamais abriu mão de sua forma de ver o mundo, postura, normas de etiqueta e valores tradicionais. Coube a nova aristocracia adaptar-se a um universo que para ela era diferente, todavia sedutor e fascinante. Uma realidade que de forma alguma desejavam exterminar, mas sim fazer parte dela. Incorporaram os modos da nobreza, seu estilo de vida, etiqueta, vocabulário, preconceitos etc.

[...] ao renegarem a si mesmos a fim de tentar participar como simples membros do antigo establishment, os burgueses aristocratizantes

²⁶ AGULHON, Maurice. op. cit. p.18

²⁷ MAYER, Arno J. A. **Força da Tradição: a persistência do Antigo Regime**. SP: Companhia das Letras.1987. p.14



debilitaram sua própria formação e consciência de classe, aceitaram e prolongaram sua posição subordinada na “simbiose ativa entre os dois estratos sociais” [...] Os burgueses se permitiram ser envolvidos por um sistema cultural e educacional que defendia e reproduzia o ancien régime. Neste processo, minaram seu próprio potencial capaz de inspirar a concepção e uma nova estética e um novo entendimento.²⁸

Mayer afirma que entre 1848 e 1914, a cultura europeia conheceu a expressão das diversas vanguardas que questionavam a arte oficial, entretanto estas eram vistas como dissidências facilmente domináveis. Muitos dos jovens artistas e escritores alcançaram sucesso e reconhecimento, porém se comparados às culturas oficiais, tiveram âmbito muito restrito naquele momento. Para ele, ao longo do tempo, a vitória dos modernistas foi inevitável, no entanto, ao longo do XIX, as manifestações artísticas e literárias que reproduziam o Antigo Regime reinaram invictas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão da moda não faz furor no mundo intelectual. [...] A moda é celebrada no museu; está por toda parte na rua, na indústria e na mídia, e quase não aparece no questionamento teórico das cabeças pensantes.²⁹

O sociólogo francês Gilles Lipovetsky publicou em 1987, um de seus principais trabalhos: “*O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*”. Dentre as diversas informações e reflexões que explicita, apresenta um levantamento crítico sobre diversos intelectuais que em algum momento pensaram a história da moda. Alguns, melhor dizendo, a maioria, a trataram com desprezo acusando-a de pura futilidade, portanto uma questão extremamente secundária para os estudos acadêmicos. Já outros, a viram com admiração por se tratar de uma das formas privilegiadas para se refletir sobre o homem e sua história. O próprio autor inclui-se neste segundo grupo. Nesta obra, dedicou um capítulo inteiro ao estudo da Alta Costura, para qual criou a expressão “A Moda dos Cem Anos”³⁰.

Até o início do século XIX, a moda restringia-se aos círculos da aristocracia, a nobreza e a alta burguesia. Com o grande desenvolvimento da indústria têxtil, houve uma difusão do gosto pelas novidades no vestir em função do aumento da produção, das

²⁸ Idem. P. 23

²⁹ LIPOVETSKY, Gilles. op cit.p.9.

³⁰ Idem, op.cit., p.69-105.



lojas e do mercado consumidor. A máquina de costura, criada em 1829 pelo francês Barthélemy Thimmonier, foi em 1850, remodelada e inserida na indústria por Isaac Singer, reforçou e estimulou essa nova fase da história do traje.

Segundo Lipovetsky, a “Moda dos Cem Anos” caracterizou-se por ser dupla: de um lado a *confeção* que produzia roupas para as camadas médias imitando os modelos usados pela aristocracia por um preço mais baixo, do outro, a *Alta Costura* ou simplesmente *Costura*, fundada em 1858, em Paris por Charles F. Worth. Criação de modelos originais e reprodução industrial: eis o binômio que dominará o mundo da moda entre 1858 e 1960.

Em sua sede na *Rue de La Paix* em Paris, o primeiro estilista criava de acordo com sua vontade seus modelos inéditos para clientes riquíssimas. Como foi destacado anteriormente, elas não tinham nenhum tipo de direito a opinar sobre o que seria criado, pois tudo dependia da vontade e do humor do costureiro. Os protótipos das peças eram apresentados em desfiles fechados por mulheres jovens de corpo semelhante aos das clientes, daí o nome dado na época, *sósias*. Foram elas as precursoras dos futuros modelos³¹. Ao colocar pela primeira vez na história seu nome numa etiqueta e costurá-la às peças, Worth criou a ideia de *Maison* ou grife de moda.

Sob o aspecto da liberdade de criação do “costureiro e sua grife”³² e do fato de que diferentes camadas sociais passaram a usar trajes com silhuetas semelhantes, poderíamos cair na falsa ideia de que Worth transformou a moda em algo democrático: “[...] vimos aí mais do que uma página da história do luxo, das rivalidades e distinções de classes; aí reconhecemos uma das faces da ‘revolução democrática’ em marcha”.³³ Lipovetsky não chega a afirmar que a Alta Costura eliminou as diferenças de classe através do vestir, mas que reduziu as marcas da distância social atenuando os signos que separavam aristocracia do restante da população.

Considero esta afirmação questionável! Apesar das roupas das diferentes camadas sociais tornarem-se semelhantes em sua forma, a Alta Costura não

³¹ Enfatiza-se que estes desfiles eram realizados a portas fechadas para uma única cliente ou para um grupo pequeno delas. Os desfiles abertos com apresentação das coleções para a imprensa surgirão no início do século XX com o discípulo e depois concorrente de Worth, Paul Poiret.

³² Faço aqui referência ao título do famoso artigo de BOURDIEU, Pierre “O Costureiro e sua Grife”. IN: *A Produção da Crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. Porto Alegre: Editora Zouk. 2007. p.113-190.

³³ LIPOVETSKY, Gilles. op cit.p.69



democratizou a moda, mas sim retomou, através de suas especificidades, o abismo social típico do Antigo Regime. A criação de Worth tirou do rei e da rainha a liberdade de criação e a passou para o costureiro. Também regulou as mudanças no vestir de forma imperativa através de seus dois lançamentos anuais feitos em Paris; criou peças exclusivas que ao serem usadas, demonstravam todo o poder aristocrático daqueles que as exibiam, passou a ditar o que estaria dentro ou fora de moda, determinou ao longo do século XX rígidos padrões de beleza que são ditados pelos modelos nas passarelas, revistas e televisão.

O pensamento do historiador Arno Mayer, em sua polêmica obra “A Força da Tradição”, mostra-se novamente aqui muito elucidativo. O autor reconhece no cenário cultural europeu da segunda metade do século XIX, a presença das forças modernas, entretanto afirma que imperavam na arquitetura, na pintura, escultura, na decoração dos interiores, no artesanato e na moda, os valores e tradições da antiga ordem. Não somente a antiga aristocracia patrocinava a cultura oficial, mas também os industriais, banqueiros e ricos comerciantes, pois estes desejavam não somente ostentar sua fortuna, mas atingir o tão cobiçado status e prestígio aristocrático.

Numa época em que a antiga ordem em declínio controlava a nova sociedade emergente com facilidade, as convenções, gostos e estilos tradicionais apenas lentamente se renderam a visões e representações de ruptura. Ao contrário dos da Renascença, a maioria dos novos-ricos não se tornou patrocinadora do modernismo; sem dúvida porque a vanguarda se mostrava desatenta à sua sede de retratos lisonjeiros em torno de sua influência, missão e posição³⁴.

Em suma, ocorreu naquele momento o que Mayer chama de “aristocratização da burguesia”.³⁵

Em sua obra, o espaço dedicado ao estudo da moda é ínfimo. Além de não citar o surgimento da Alta Costura, aponta como única mudança dos trajes no século XIX, o fato dos homens não se interessarem mais por roupas e beleza e terem deixado essa posição para as mulheres. Enfatiza que a indumentária era confeccionada seguindo apenas os costumes e com pouquíssima imaginação. Indica que ser elegante não era sinônimo de ser original ou vistoso.³⁶

www.veredasdahistoria.com

³⁴ MAYER, Arno, op. cit. p.189

³⁵ Idem. p. 207.

³⁶ Idem. p. 212



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

Acredito que a carência de estudos feitos por historiadores sobre a indumentária deste período tenha gerado esta posição equivocada do autor. Paris, durante o Segundo Império, resgatou sua tradicional posição de capital da moda mundial. Os trajes elaborados por Worth e mais tarde por seus seguidores eram extremamente elaborados e seguiam o princípio da originalidade de cada peça, porém primavam pela obrigatoriedade da criação e da mudança. Isto fica muito claro se compararmos os trajes femininos das elites europeias do início dos anos de 1860 com os usados durante a Belle Époque (1890-1914): em poucas décadas as silhuetas mudaram sensivelmente, fato jamais ocorrido com tanta rapidez na história. Com certeza, isto aconteceu, entre outros motivos, devido ao trabalho dos estilistas da Alta Costura.

O êxito de Charles Frederick Worth deu-se por seu trabalho situar-se entre dois mundos que coexistiam no Segundo Império: a tradicional aristocracia e a nova sociedade burguesa. Por um lado, resgatou a construção artesanal dos trajes para o mundo da moda, celebrando o jogo das aparências da corte francesa, através do luxo de suas criações. Por outro, inaugurou diversos elementos que fizeram com que a Alta Costura reinasse absoluta por quase cem anos: criou a figura do estilista como ditador do que é ou não é moda; regulou as criações de trajes para um mercado que necessitava de lançamentos novos a cada semestre; realizou os primeiros desfiles de roupas e acessórios e instituiu a ideia de grife ao colocar seu nome em etiquetas em todos os seus trajes.

Como vimos, Napoleão III é apontado por alguns autores como um representante das aspirações burguesas, embora sua imagem espelhava-se nos modelos construídos pelo Antigo Regime: festas, bailes, grandes eventos, roupas luxuosas, fofocas, intrigas, palácios, intensa preocupação com as normas de etiqueta e muitos títulos de nobreza. O grande sucesso alcançado pela Alta Costura durante seu governo, veio de encontro a um cotidiano permeado pelos valores da velha aristocracia. Worth foi um dos responsáveis pela construção da imagem de poder e luxo do casal imperial. Apesar da Alta Costura ser uma inovação, ela também foi, no contexto do Segundo Império (1852-1870), o resgate da exclusividade na ostentação do poder através do traje, como ocorria na sociedade de corte de Versalhes.



BIBLIOGRAFIA

AGULHON, Maurice. **1848: O Aprendizado da República**. SP: Editora Paz e Terra, 1991.

ANCEAU, Éric. **Second Empire. Parlement [s]. Revue d'histoire politique**. Nº 4. Paris: Éditions Pepper – L'Harmattan, Octobre 2008.

BARTHES, Roland. **Sistema da Moda**. SP: Ed. Martins Fontes, 2008.

BOUCHER, François. **Histoire du Costume en Occident**. Paris: Flammarion, 1996.

BOURDIEU, Pierre. O Costureiro e sua Grife In: **A Produção da Crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. Porto Alegre: Editora Zouk. 2007, p.113-190.

CALANCA, Daniela. **História Social da Moda**. SP: Editora SENAC, 2008.

DION-TENENBAUM, Anne. **Les Appartements Napoléon III**. Paris: Musée du Louvre Editions & Les Éditions Beaux Arts, 2006.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade de Corte**. RJ: Jorge Zahar Editor, 2001.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Volumes 1 e 2. RJ: Jorge Zahar Editor, 2008.

FORTESCUE, William. **Revolução e Contra-revolução na França: 1815-1852**. SP: Ed. Martins Fontes, 1992.

GAY, Peter. **O Século de Schnitzler: A Formação da Cultura da Classe Média 1815-1914**. SP: Companhia das Letras, 2002

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Pensando a Moda. **Folha de São Paulo Mais!**. São Paulo, p.6-9. 05 de maio de 2002.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

HOBBSAWM, Eric. **A Era do Capital**. SP: Editora Paz e Terra, 1988.

KÖHLER, Carl. **A History of Costume**. NY: Dover Publications, 1963.

LAVER, James. **A Roupas e a Moda**, SP: Companhia das Letras, 1996.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero: a Moda e seu Destino nas Sociedades Modernas**. SP: Companhia das Letras, 2002.

MARLY, Diana de. **Worth: Father of Haute Couture**. London: Elm Tree Books, 1980.

MAYER, Arno J. **A Força da Tradição: a Persistência do Antigo Regime**. SP: Companhia das Letras, 1987.

MÉNAGER, Bernard. **Les Napoléon du Peuple**. France: Aubier, 1988.

MILZA, Pierre. **Napoléon III**. Paris: Perrin Editions, 2008.

_____ & BERSTEIN, Serge. **História do Século XIX**, Portugal: Publicações Europa-América, 1997.

PELICANO, Isilda. A Alta Costura : Selling a Dream. **Revista Vestir**, número 57, Lisboa: Publicações do Centro de Formação Profissional da Indústria do Vestuário e Confecção, 2008

RACINET, Albert. **The Historical Encyclopedia of Costumes**. NY: Facts on File, 1995.

YON, Jean-Claude. **Le Second Empire: politique, société et culture**. Paris: Armand Colin, 2004.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

Informativos e Catálogos

L'art en France sous le Second Empire. Catalogue de l'exposition du Grand Palais, 11 mai - 13 août 1979, Editions de la Réunion des Musées Nationaux, Paris, 1979.

À La Table D'Eugénie: le service de la bouche dans les palais impériaux. Catalogue de l'exposition au Musée National du Château de Compiègne, 03 octobre- 18 janvier 2010, Editions de la Réunion des Musées Nationaux, Compiègne, 2009.

Le Guide du Louvre. Paris: Musée du Louvre Éditions, 2005.

JOIN-DIÉTERLE, Catherine. (org). *Sous L'Empire des Crinolines.* Paris: Éditions Musée Galliera, 2008.

MOULIN, Jean-Marie. **Guide du Musée National du Château de Compiègne,** Editions de la Réunion des Musées Nationaux, 1992

Contato: paulodebom@gmail.com

www.veredasdahistoria.com